Artimanhas do invisível
- Traçados de lembranças e outras histórias

Stratagems of the invisible
- Traces of memories and other stories

Angela Maria Carneiro Silva

Programa de Pós-graduação em Psicologia Social - UERJ

RESUMO:

O artigo desenvolve a ideia da invisibilidade como produtora de narrativas, a partir da convicção de que a história de uma pessoa nunca é apenas a dela mesma. Cita exemplos de um filme (“A vida dos outros”, Henckel, 2006), da literatura africana contemporânea e de narrativas diversas. Vale-se de entrevistas com pessoas da localidade de Araras (Petrópolis-RJ), em que é desenvolvido trabalho de orientação profissional. O campo da pesquisa em questão constrói-se na tensão entre uma “cidade” visível e uma “cidade” invisível, expressões entendidas como comunidades que têm ou não presença perante as forças instituídas (estado, igrejas, organizações sociais). O que se destaca é a História Oral (HO) como um operador que põe em evidência a articulação dessas comunidades. Para tanto, trabalha-se principalmente com proposições de Alessandro Portelli, Ecléa Bosi e Heliana Rodrigues, na aposta de que o repartir histórias, como uma prática política, abre passagens para a invenção de territórios de existência.

Palavras-chave: narrativas; História Oral; práticas políticas; modos de vida

ABSTRACT:

In this article, the idea of invisibility as a producer of narratives is developed, from the stand point of that the history of a person is never merely his/her own history. A film ((Das Leben der Anderen, Germany, Florian Henckel, 2006), the contemporary African literature and some narratives are given as examples. Interviews with local people are reproduced. The research field is built upon the tension between a “visible” town and an “invisible” one, understood as communities that are more or less representative before the institutions of society (State or government, churches, civil organizations). What is highlighted is Oral History as an operator that puts in evidence the arrangements of the cities. To this end, some propositions presented by Alessandro Portelli, Ecléa Bosi e Heliana Rodrigues are taken. The bet is that sharing stories, as a political practice, open new horizons to intervene in the territories of being.

Key-words: narratives; Oral History; political practices; ways of life.

Do começo

1984. O muro de Berlim organiza a vida da população da Alemanha Oriental. O braço direito da ordem é a *Stasi*, polícia secreta treinada para manter o controle sobre tudo o que acontece. Wiesler é um dos mais competentes interrogadores de um quadro de mais de mil informantes. Sua vida e trabalho são uma coisa só. Como professor, prepara jovens para refinados interrogatórios e desmonte do interrogado. Assim começa “A vida dos outros” (*Das Leben der Anderen*, Alemanha, 2006), filme de Florian Henckel.

Tudo segue na maior tranquilidade até Wiesler receber a tarefa de investigar Georg Dreyman, dramaturgo, e Christa-Maria Sieland, atriz de teatro, sua companheira de longa data, importantes intelectuais do estado socialista. Um belo desafio. Para o superior de Wiesler, uma excelente oportunidade de ascensão. Para ele, a confirmação de que vive por um “sistema humano”. Para o Ministro da Cultura, a quem todos são subordinados, a oportunidade de obter as graças da atriz.

Wiesler monta um sistema de escuta para acompanhar a vida do casal, obsessivamente registrada. Entretanto, algo começa a acontecer e a descontrolar sua vida: os sons, as palavras, os silêncios que atravessam as paredes o atingem de tal maneira que não mais encontra meios para neutralizar sua confusão e curiosidade. Da vida quente que sobe pelos andares, Wiesler começa a ver a sua própria: um vazio sem fim, um embrutecimento que só espalha a dor. Cada vez mais, a vida do outro o arrasta e o faz viver o impensável. Ao ouvir a “Sonata para um homem de bem” tocada pelo ator em homenagem a um amigo que, perseguido pelo estado, se mata, Wiesler se desmancha. A vida não será mais a mesma, transfigurada pela música. Ele caminha no limiar entre visível e invisível e tece outras histórias.

Anos mais tarde, após a queda do Muro de Berlim, em tempo de reparações e cicatrizações, o ator, sobrevivente de muitas histórias, começa a se dar conta do quanto a sua vida foi cruzamento de uma série de enredos. E é nesse momento que o interrogador invisível ganha lugar no romance que o ator escreve. O livro é dedicado apenas a um número, o código de identificação de Wiesler, mas carrega pedaços da vida de Georg, que, ao se juntarem, formam uma nova trama e novos modos de vida.

A ideia da invisibilidade

A ideia de invisibilidade, como aqui tratada, se refere à convicção de que a história de uma pessoa nunca é apenas a dela mesma, mas é atravessada por diferentes encontros, que forjam passagens. Sueli Rolnok (1995:148) discute a irredutibilidade da realidade ao plano do visível, da consciência, do identitário. Descreve a realidade como um campo de tensão, em que as formas são sempre composições de forças. Mesmo cristalizadas ou endurecidas, as formas se rompem e se transformam em novas composições, ao atingirem determinados limiares. Nessa perspectiva, o filme citado se debruça sobre a experiência limite do personagem, cuja identidade se racha e se abre para novas formas de expressão, quando afetada por intensidades vindas de modos de vida tão diferentes.

Vemos, então, a invisibilidade como produtora de narrativas e percebemos o quanto, a partir do encontro com a História Oral (HO), ganhou novos matizes. Dentre eles, a possibilidade de repartir histórias como uma prática política, em que as palavras tornam-se passagens de novos sentidos que marcam territórios de existência. Tendo isso em mente, a nossa ideia é tomar a invisibilidade como um operador e cartografar a sua presença pela HO. A invisibilidade – pulsante, fruto de tensões, de jogos de forças que se articulam – compõe possibilidades de desvio e intervenção num coletivo, a partir da expressão de outras versões. Uma ideia que, ainda em construção, parece valer o risco de ser desenvolvida.

Assim, o invisível tem nos habitado por diferentes caminhos.

Um deles foi o contato com a literatura africana contemporânea. Muitos autores, como Mia Couto (1992, 2002), Eduardo Agualusa (2004), Ondjaki (2004), Léonora Miano (2004), Nardine Gordimer (2007), têm registrado em seus romances um esforço de memória para contar histórias que dêem um sentido a tantas experiências vividas por tantos no continente africano. É um esforço muito grande para recuperar e manter à disposição fiapos de lembranças, como canções, folclore, histórias anônimas, anedotas, poemas, ditos, que, em estado de feitura, irão se expandir em novos sentidos e criar outras histórias, que não cabem nos registros oficiais. E que possam fazer territórios de existência: a história dos vencidos, construída na infinita violência do colonialismo e do pós-colonialismo, perpetuado e desdobrado por gerações.

Outro caminho por onde a invisibilidade se nos apresentou foi a escuta de relatos em que os contadores não existem na história oficial, mas que se incluem de tal forma que,

se não estivessem ali, a história seria outra. Como uma conversa sobre o clima de discórdia entre o comandante e a tripulação de um navio, em uma expedição da Marinha à Antártica (comunicação pessoal, cujo autor prefere permanecer anônimo, 1984). Talvez fruto do prolongado confinamento, criaram-se desequilíbrios que, nas condições-limite do ambiente hostil, desembocaram em riscos reais. Os registros oficiais e reportagens publicadas à época, contudo, omitem detalhes que nunca vieram a público. Nos seus encontros, porém, os velhos marinheiros dão versões que evidenciam diferentes campos de forças.

Ou como nos relatos dos entrevistados de Ecléa Bosi (2003: 32), que citam a influência importante de Reclus, um geógrafo francês trazido ao Brasil por um professor da época, mas sobre cuja presença, surpreendentemente, não há nenhum registro oficial.

A nossa questão

A nossa questão tem origem em pesquisa em que trabalhamos há cinco anos. No início, o foco eram as escolhas profissionais dos jovens de uma escola estadual, no bairro de Araras, município de Petrópolis, Rio de Janeiro. Com a exuberante natureza dos campos de altitude da Mata Atlântica, Araras é um vale cercado por elevada formação rochosa, que lhe dá águas cristalinas e clima privilegiado. Por ser uma localidade turística, com pousadas, restaurantes de alta gastronomia e espaços de retiro, lazer, ecoturismo e turismo de aventura, tem hoje sua economia dependente do alto poder aquisitivo dos visitantes, dos proprietários de sítios de veraneio e da rede de comércio e serviços que os atende. E são esses habitantes eventuais e operadores locais da rede de comércio e serviços de turismo e lazer, por sua capacidade econômica e influência junto às instâncias públicas e aos meios de comunicação, que conferem visibilidade à “cidade” e determinam a vida dos demais oito mil moradores históricos e permanentes (censo de 2001).

Ao chegarmos, a escola vivia um momento de transição decorrente da implantação de segundo grau. Quais seriam os efeitos dessa novidade? A expectativa era de que a extensão do ensino ampliasse a inserção dos jovens da comunidade e de que isso revertesse na criação de novas oportunidades, de novos modos de vida. Concorrentemente com a expansão da escolaridade, contudo, as novas tecnologias – TV por satélite, celular, internet – redesenham o horizonte de possibilidades, pois mudam a noção de espaço e tempo. E a escola deixa de ser o único lugar de formação.

Tão logo começamos a nos ocupar da escolha profissional, a realidade impôs uma discussão ampla sobre violência. A comunidade escolar vivia um momento crítico, pelas queixas quanto ao comportamento dos alunos (vandalismo, agressões, desrespeito aos professores, furtos) e a sempre presente ameaça do uso de drogas ilícitas. A única solução para o que ali acontecia era a ronda escolar. A escola tornara-se um caso de polícia.

A violência é colocada, então, como problema da comunidade e explicada pelo comportamento dos jovens - jovens vistos como delinquentes, principalmente pela migração de muitas famílias oriundas da Baixada Fluminense, em busca de melhores condições de vida e emprego. Logo, é “o mal que vem de fora”, em contraposição “aos meninos bobos sem maldade da região”, segundo Seu Crézio, porteiro da escola. Ou “Nossa... nossos alunos nunca foram assim, esses aí dão medo, nossos meninos eram obedientes, de boa família”, diz dona Vera, a secretária da escola. Se tomarmos a violência encarnada nesse momento, não há como negar um campo em tensão.

Essas falas categóricas, contudo, inibem outras versões. Para os jovens, ter dúvidas, estudar e sonhar com outras possibilidades de vida, imaginar inclusive outras formas de permanecer na região fica ofuscado como algo da ordem da marginalidade. Aí está a contradição: há todo um esforço para que o jovem estude, tenha oportunidades diferentes daquelas das gerações anteriores. Há um desejo de mudança...desde que não haja mudança.

Abrir espaço para uma reflexão crítica que deslocasse o discurso da comunidade, de culpabilização ou vitimização, e implicasse a todos num campo de interrogação, poderia favorecer o surgimento de um campo comum, mais solidário e criativo. Na medida em que frequentávamos a escola, percebíamos um contexto muito mais amplo, que, no momento, descreveremos como uma tensão entre as duas “cidades”: uma, visível, a dos turistas, pousadas e restaurantes; outra, invisível, fora dos fins de semana e feriados, a dos moradores. E nos perguntamos: visível e invisível para quem? Como as duas se articulam? Que campos de tensão se estabelecem entre elas?

Uma cidade passagem

Araras faz parte do antigo “Caminho Real”, conjunto das rotas de escoamento do ouro que saía de Minas Gerais. Esse caminho era feito de várias trilhas e atalhos que serviam como alternativas para evitar o roubo do ouro que seguiria para os portos costeiros e depois para o exterior. É também passagem para o quilombo do Manoel Congo, escravo

fugido abrigado no vizinho Vale das Princesas, rota para o escoamento da produção agrícola de Miguel Pereira e Paty do Alferes, do café, no passado, e hoje, de tomate e hortaliças. Atualmente, além dos moradores originais, abriga emigrados do Rio de Janeiro, principalmente da Baixada Fluminense, em fuga das dificuldades da cidade grande.

Essa marca de uma cidade-passageiro se apresenta no seu próprio desenho – uma única via de 22 km, de cujo eixo saem vales secundários, onde se situam sítios, pousadas e condomínios. Tem dois “centrinhos” de pequeno comércio – mercado, farmácia, lojas. No primeiro, a igreja e colégio – a Escola Estadual, um colégio particular, a escola paroquial. No segundo, armazém, bar, pequeno comércio.

Com a ampliação do nosso convívio, a partir de uma série de situações cotidianas, passamos a frequentar a escola uma vez por semana, com o projeto Debates, em que vários temas sugeridos no grupo escolar eram discutidos. Aos poucos, o dia a dia foi trazendo assuntos de interesse comum: queimadas, recuperação do posto de saúde, festa junina. E nos interrogamos sobre as práticas políticas que ali se instauram pela mobilização de um coletivo. Por exemplo, instala-se a polícia, com cabine fixa e ronda 24 horas, por demanda dos que têm voz. Para esses – os visíveis –, uma conquista, uma providência para coibir furtos a casas de veranistas. Para os outros, invisíveis, extorsão e ameaça, pela antes inexistente repressão aos seus precários carros e motos, fumacentos, com pneus carecas e em dívida com impostos.

Logo, colocar as práticas de um coletivo em análise poderia ser um começo para potencializar o campo de tensão e fazer escolhas a partir dele, com a construção de um comum. Acompanhados das idéias de Alessandro Portelli, Ecléa Bosi e Heliana Rodrigues, buscamos então abrir a nossa escuta às histórias das pessoas que, de uma maneira geral, não são ouvidas. E assim nasceu o Araras em Pessoas, projeto em que se desfilam as histórias da Maria Dois Mil, do Mano Gil, do Seu Geraldo, da Dona Maria dos Cabritos, do Dezoito, da Dona Sandra, do Deusdete, da Dona Adriana.

Start

A quem entrevistar? “Cada pessoa é uma amálgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados. Como historiadores orais, nossa arte de ouvir baseia-se

na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência” (PORTELLI, 1997:17).

O fato de estarmos em convivência com as pessoas de Araras há um bom tempo, envolvidos em uma série de atividades, seja na Escola Estadual, seja no Projeto Araras (uma organização civil local voltada para a melhoria da qualidade de vida da região), em eventos da comunidade – festas juninas, feiras, casamentos – e em situações dramáticas, como a de um grande incêndio florestal, favoreceu a ocupação de um lugar de ouvinte. O trabalho com a História Oral acontece muito em consequência da convivência, pois existem histórias que nos unem. Isso é muito interessante porque as pessoas se envolvem com a pesquisa, se fazem disponíveis para entrevistas e indicam outros moradores, uma vez que compartilham interesses. Escolhemos a entrevista do Mano Gil por ter sido a nossa primeira. Nossa curiosidade segue na direção da história de vida, da relação com o lugar, da construção de um ofício, da vizinhança, dos sonhos, das dificuldades.

Mano Gil, 34 anos, jardineiro, reconhecido guia das diversas trilhas da região, a pé ou de bicicleta, tem no seu currículo a promoção, com bastante sucesso, de campeonatos de *mountain bike* associados à federação de ciclismo do estado, o que lhe dá uma liderança entre os jovens da região. Guiou uma equipe do Jardim Botânico e uma instituição internacional numa pesquisa sobre o “Rabo de Galo”, uma espécie rara dos campos de altitude, endêmica da região. Assim, seguem-se alguns trechos:

“Gil, pediria que você contasse sobre você e Araras, sua história, sua relação com esse lugar.”

“Tá gravando?”

[Digo que sim com a cabeça e ele toma a palavra]

“Meu nome é Gilberto Santos, sou nascido e criado em Araras, numa localidade chamada Maria Comprida, cujo nome é por conta de uma pedra, né, que está ao norte dessa localidade eh... minha relação com Araras é muito intensa, por ter nascido aqui, meus pais vieram para Araras quando jovens, meu pai tinha oito anos de idade, ele é de Minas, mineiro, minha mãe tem uma coisa mística muito grande que envolve a vinda dela prá cá. Ela é filha de uma portuguesa com um negro, escravo, a gente não sabe direito, mas não sei se ele veio de algum quilombo, ou fugido, mas era um escravo. Bom, e eu cresci nessa localidade e desfrutei de cachoeiras, frutos silvestres, muito envolvido com a mata, é minha casa.”

Foi a primeira entrevista e nos surpreendemos com nosso nervosismo inicial, a dificuldade com o gravador, fitas, tomadas...e com a dificuldade da transcrição. A impossibilidade de manter no texto a riqueza da linguagem oral, com as diversas

expressões corporais, faciais, os gestos, momentos de maior emoção, timbres, entonação. Os silêncios, saber quando esperar e quando perguntar, realmente é uma arte. Como diz Rodrigues (2005), remetendo a Portelli: “Ora, em primeiro lugar, as fontes orais... são orais! Em Portelli essa aparente obviedade se torna uma espécie de cânone epistemológico, peculiaridade primeira da história oral...”. Ler a transcrição depois causa uma frustração, porque ela é outra coisa. Agora entendemos a importância de manter as fitas, porque é o registro que fica como um documento vivo à disposição de outros, num processo que pode se desdobrar em outras versões. Outro ponto é que a transcrição nos leva a querer arrumar o texto; então, respeitar as idas e vindas, o tempo narrativo, as contradições, foi um exercício que não imaginava exigir tanta atenção.

“Aos seis anos tivemos uma mudança de ambiente que foi muito difícil, nossa família de oito irmãos na época, porque depois chegaram mais dois, nos mudamos de uma casa com luz, água, tudo direitinho, para outra que não tinha nada. E eu não entendi, meu pai passou a trabalhar longe, em Petrópolis, e só vinha uma vez por mês em casa. Passamos bastante fome. Hoje eu vejo como um desafio, mas na época foi muito complicado.”

Das brincadeiras

“E brincavam de quê?”

“As brincadeiras eram as mais piradas, desde balançar no cipó, banho no poço, guerra de lama, pescar à noite”.

“Tinha peixe?”

“O rio tinha peixes, pegar frutas silvestres, goiaba, araçá, eu tinha um interesse, uma relação muito direta com a mata, com sete anos eu entrava no mato, atrás das trilhas deixadas pelos caçadores, tinha muito caçador, hoje tem bem menos, ia atrás de porco do mato, tatu, paca, cachorro do mato, quati, macaco, me lembro de uns movimentos de árvores que hoje eu acho que podia ser muriqui, mas nunca vi.”

“Muriqui?”

“Um primata. Talvez fosse... na época as encostas eram preservadas. (silêncio)”

O grande barato era pegar passarinho, armava arapuca, hoje é crime, mas, naquela época, não. Pegava e soltava, era uma vitória.

Só pomba... aí... era para comer, às vezes dava umas 300 gramas.. nossa ...”.

“Era gostoso?”

“Nossa, muito.”

“E quem cozinhou?”

“A gente, tinha que aprender... tinha que se virar... A gente caçava prá comer.”

A descrição da relação com a natureza é a de um menino nascido e criado tendo a mata como quintal, em relação direta, de mutualidade, visceral, e não uma natureza que está lá, sacralizada, a ser preservada. Diante dessa narrativa, é interessante pensar sobre as questões ambientais. Uma ecologia que se faça no espaço de mutualidade, de coengendramento, de uma ética que privilegie a vida. Isso porque em geral as campanhas públicas de conscientização e de divulgação de políticas sustentáveis são infrutíferas. Pedir a toda uma comunidade que convive com esgoto a céu aberto, no meio de ratos, com doenças primárias, que separe o lixo para ser reciclado soa como uma conversa estranha. E ao mesmo tempo bloqueia outros saberes que se perdem, pois não se trocam. Outro ponto a assinalar nesse trecho é a presença do lugar da experiência, o experimentar a vida, ou se deixar experimentar por ela. Significa que família, pobreza, ofício, natureza, solidariedade, alegria se entrelaçam no trabalho da memória, na invenção de si e na construção de um comum.

A escola

“Era legal, como é que era?”

“A escola era legal, a merenda era o maior barato (risos).

As tias eram de fora e tinham um coração muito grande... Tia Sandra, a única que morava aqui, um figura maravilhosa, foi ela que me alfabetizou, sempre nos proporcionou momentos felizes, culturas de fora que a gente ia conhecendo aos poucos... só dançava quadrilha quem tivesse com as notas boas, uma tática... prá botar todo mundo na linha.

Hoje a realidade é um pouco pior do que a minha, na minha época não tinha droga e não tinha a sexualidade explícita, acredito que elas tenham muito trabalho.

Estudei até os 12 anos, quando minha mãe nos deixou, não, nos deixou seria egoísmo dizer isso, chegou o tempo dela e minha vida mudou completamente.

Tive que trabalhar, meu pai virou as costas, e passei a capinar e cuidar dos quatro irmãos mais novos.

*Capinava, voltava para fazer o almoço e voltava para capina.
Foram tempos muito difíceis, virei o eixo deles, muito criança.
Mas eu sempre tive essa coisa de cuidar, sei lá.”*

Ofícios

“Gil, você passou pela capina, auxiliar de pedreiro, barman, jardineiro, boleiro, ladrilheiro, tantas experiências. O que você descobriu, qual é a sua?”

“Ah, uma lição de vida é o mato, tem que agir positivamente com a natureza, é uma troca. Eu me lembro de uma conversa que ouvi da gerente da pousada que eu trabalhei, isso com 14, 15 anos, que dizia que era bom mexer com a terra, para eliminar o stress, parece que foi psicóloga, é psicóloga?... se renovar, eu ouvi aquilo e isso nunca saiu da minha cabeça. Eu plantava, meu pai ensinou, milho, feijão, tomate, e aí a vida mudou, não tivemos mais fome... comer... mas aquilo era diferente, ver um jardim se formar, combinar, ver uma planta crescer, vingar, dar flor, esperar... traz uma sensação de bem estar, aí eu encontrei o meu espaço, é isso que eu quero fazer, ali eu esqueço de tudo, não tenho limites, não tem limites, posso ir além da jardinagem, me proporciona isso, eu sou um jardineiro melhorado... não sou paisagista (ri) não tenho curso que me capacite.... Monet era um pintor jardineiro, ele gostava disso, um paisagista nato, as composições dele, é harmonia total, eu li sobre isso, Burle Max quebrou alguns conceitos de fazer somente formas redondas dos europeus, ele não, era um estilo livre, e vou nessa onda livre para criar.”

Interessante a experiência como um processo que abre passagem para um modo de vida, em que a escolha de um ofício não vem isolada desse processo e que tem na escolaridade um aspecto; mas aqui o que se evidencia é um aprendizado rico, que se faz por outros caminhos, com pessoas, oportunidades, sobrevivência, sorte, a solidariedade de uma comunidade, as descobertas de habilidades e interesses e a presença incerta do estado.

“O que pode a HO fazer por nós?”

O que se destacou como um ponto marcante da HO para nós foi o seu próprio engendramento, que se dá num campo de tensão produzido pelos diferentes pontos de vista, trazidos pelos entrevistados, e que tem na cumplicidade com o entrevistador o acolhimento das narrativas.

Ou seja, a HO apresenta-se como um respiradouro para diferenças, que se faz do encontro de afinidades e conflitos que se compõem, não com uma sistemática sequenciada e definitiva, mas como uma “colcha de retalhos” (Portelli, 1997). Idas e vindas tramadas pelo trabalho das lembranças que atualizam a vida, diz Mano Gil:

“Pulei muitas coisas, eu quero contar da dona Chiquinha.

Minha mãe ficou sem leite, quando eu era pequeno, não sei por que, e na época não tinha leite em pó, nem que tivesse, não tinha dinheiro, aí tinha que apelar para a mãe de leite, eu fui agraciado, a dona Chiquinha tinha leite, se não minha mãe teria que andar horas, dias, para conseguir alguém que me amamentasse.

Dona Chiquinha amamentou vários bebês, hoje ela é falecida, mas é uma figura importantíssima, né? Contribuiu para felicidade de muitos nenéns.

Acho que Deus coloca as pessoas certas nos lugares certos porque imagina se as pessoas sem recursos nenhum, sem formação, sem ônibus, só tinha um ônibus, num horário só, as famílias com muitos filhos, tudo só nesse eixo da Maria Comprida, Pedreira, Capoeirão, Rua da Mata, Grotão, Mata Cavalo, que hoje é o Santa Luzia, era o eixo que nós fazíamos a pé. O Vista Alegre [comunidade local] não existia, é recente.”

Essa perspectiva nos pareceu bastante rica, no sentido de marcar o campo de pesquisa como algo vivo, em constante produção. Seguimos, na verdade, os efeitos dessas dinâmicas e processos, de uma produção de diferentes versões, o que nos livra da busca da verdadeira história. Sustentar esse campo de tensão fica para nós como a grande função do pesquisador da HO e a chave de nossa compreensão. Destacamos alguns aspectos da história oral, nessa perspectiva da tensão, para esquadriharmos o nosso percurso. Por que escolhemos essa perspectiva? Por concordarmos com Portelli sobre a HO “como diferença, como uma prática inquestionavelmente antagonista e contestadora”, em que “é preciso que sempre exista uma linha de diferenças que, depois de transposta, torne-se plena de significado, mas é necessário que exista também uma linha segundo a qual possamos comunicar o desejo de encontrar um terreno e uma linguagem comuns, que possibilitem a troca...” (1997:19). Para nós, isso ganha uma importância ímpar porque é nesse terreno que as mudanças se fazem acontecer, o que nos coloca sempre à espreita.

Assim, examinamos a HO por quatro eixos:

1º - o campo da pesquisa como um campo em tensão pela articulação do visível e do invisível (campo de forças);

2º - a tensão produzida, que se transforma numa dobra a partir da relação entrevistado-entrevistador (relacionamento);

3º - a narrativa como resultado, para além dos fatos, de uma produção de sentidos (subjetividade);

4º - o trabalho da memória na trama do lembrar e do esquecer (espaço de resistência).

Sobre o primeiro ponto, imaginamos o encontro da HO com a Análise Institucional (AI) como um bom argumento para sustentarmos o campo de pesquisa como um campo de tensão. A AI define a instituição como formada pelo movimento do instituído (a ordem estabelecida) e do instituinte (a capacidade de renovação): “a análise institucional é um método de intervenção em situação que consiste em analisar as relações que as múltiplas partes presentes no jogo social mantêm com o sistema manifesto e oculto das instituições” (LOURAU, 2004:47). Assim como a AI busca mais que uma oposição entre o instituinte e o instituído, procurando também por em evidência a articulação entre eles, nós procuramos um diálogo entre a cidade visível e a cidade invisível sustentado numa tensão em que diferenças desmancham e reinventam territórios.

No segundo ponto, nos perguntamos o que acontece entre entrevistado e entrevistador. Com certeza muitas coisas, pois há uma tensão presente, por parte do entrevistador, em querer saber, e do entrevistado em querer contar, mas este muitas vezes resiste, esquece, tem um tempo narrativo próprio. No entanto, é por essa tensão que o trabalho se estabelece. Daí que “a presença do entrevistador não pode ser negada” (COUTINHO, 1997). Ele está ali a provocar, mas Coutinho destaca “o clima de diálogo espontâneo, por isso não chama de entrevistas, mas de conversas mesmo que não harmoniosamente”.

A HO é resultado de um relacionamento e algumas preocupações nos acompanham. Por exemplo, como chegar ao entrevistado, onde fazer o encontro, como propor a entrevista para obter o consentimento da participação, como fazer para respeitar caso a pessoa queira falar acompanhada de outros, ou não. Realmente não há um modelo, mas Portelli nos ajuda. No texto “Tentando aprender um pouquinho”, fala da atitude necessária do entrevistador, de aprendizagem e de gentileza para voltar a ouvir e conversar e estar sensível ao que está sendo dito e ao que está silenciado.

Mano Gil, por exemplo, escolheu para local da entrevista um sítio cujo jardim ele criou e do qual cuida – falar no jardim e falar de si eram uma coisa só.

Outra experiência no sentido da relação entrevistado-entrevistador foi a conversa com um adolescente, em que ele, ao final, disse: “Nossa... não sabia que eu gostava de conversar”. Eu lhe respondi que há muito tempo não me dava conta de como era bom ouvir. E rimos juntos. Ou seja, o espaço entre entrevistado e entrevistador forja-se como um espaço de afetações que criam novos modos de relacionamento.

O terceiro eixo é a subjetividade. Em “A Filosofia e os Fatos”, Portelli (1997: 2-3) afirma que a grande particularidade da história oral é a subjetividade do contador. Os fatos estão assentados nesse processo constante de feitura, que se articula com a memória e a linguagem. Aponta aí estar a maior riqueza da história oral: “a subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem significado à própria experiência e à identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso”.

A trama subjetiva é a expressão do entrelaçamento do sujeito com a história, das estruturas sociais e a linguagem: “A História Oral não mais trata de fatos que transcendem a interferência da subjetividade; a História Oral trata da subjetividade, memória, discurso e diálogo” (PORTELLI, 1997:26).

Por fim, nosso quarto eixo é a tensão do trabalho da memória, memória como um processo e não como um arquivo, e que tem seu aspecto social quando verbalizada pelas pessoas. Portelli, porém, não gosta de trabalhar com o termo “memória coletiva”, pois enfatiza que a memória é um processo individual, igual a uma impressão digital, uma marca única. Assim, para não cairmos na contraposição memória individual versus memória coletiva, propomos que a memória individual, ao se transformar em lembranças, coloca à disposição do coletivo uma experiência humana que poderá ser compartilhada ou não, conforme circunstâncias, oportunidades e fiações possíveis. É essa condição de possibilidade que compreendemos quando Portelli diz do que é diferente na HO: uma prática de resistência, em que há sempre a possibilidade de uma outra versão, um trabalho inacabado.

Ecléa Bosi (2003) argumenta que “a memória oral é um instrumento precioso se desejarmos constituir a crônica do cotidiano, pois faz emergir pontos de vista contraditórios”. Ela recupera em Benjamin a importância da narratividade. Por quê? Porque, desde a Primeira Guerra, os homens perderam o dom de narrar, silenciado pelos horrores do *front*.

Pensamos que há uma gagueira subjetiva desde então, segundo ela pelo excesso de informações e forjas do romantismo, que se desdobra na busca frenética de segurança

como a maior moeda de troca feita pelos mecanismos de controle na contemporaneidade. O que Benjamin põe em evidência é o tempo da experiência que se atrofia, porque para isso é preciso experimentar e correr riscos, se desalojar de um conhecido. “Experiência é o que salta fora (ex) do perímetro de um círculo percorrido” (BOSI, 2003:42). Esse descompasso entre a experiência e o trabalho da memória contribui, segundo Bosi, para um desenraizamento, onde tudo se torna só passagem. Por isso, ouvir a voz das pessoas é encarnar territórios de existência, “recolher os despojos da cidade para os quais ninguém volta os olhos e o vento dispersa” (ibidem). É desconstruir a passagem como vazio e encontrar as marcas que se fazem em passagem. Diz Mano Gil:

“Hoje eu me lembro disso com alegria porque sempre tinha pessoas querendo ajudar. Hoje quando eu lembro disso... faz eu gostar mais e mais de Araras, você cresce com as dificuldades e tem as pessoas... Tem uma relação de amor do lugar e das pessoas.”

...

“Meu nome é Gilberto Santos, sou nascido e criado em Araras, numa localidade chamada Maria Comprida, cujo nome é por conta de uma pedra, né, que está ao norte dessa localidade eh... minha relação com Araras é muito intensa, por ter nascido aqui. ... Bom e eu cresci nessa localidade e desfrutei de cachoeiras, frutos silvestres muito envolvido com a mata, é minha casa.”

Sua referência está na pedra, concretude de seus começos. Na medida em que evoca essas vivências, há uma atualização de uma nova intensidade, que redimensiona a história. E você que escuta redimensiona a sua própria experiência, onde as palavras não são monumentos, apenas passagens, mas carregadas de sentidos e possibilidades, que marcam territórios de existência.

Por último

Ao ouvir histórias sobre pessoas conhecidas e desconhecidas, fomos surpreendidas por histórias que nem imaginávamos e que mudaram o nosso olhar. Pensamos o quanto isso nos afetou e reverberou no próprio campo de pesquisa: quem interfere em quem, quem fala? O trabalho potencializa essa possibilidade: quando a pessoa narra, quando se ouve, observamos novos tempos de atualizações narrativas. Realmente um processo que se desdobra e se coengendra.

Uma observação que veio depois que o gravador foi desligado (e rapidamente religado):

“Algumas coisas eu não gosto hoje. Se sobrevivi, foi porque muitas pessoas me ajudaram, gente próxima, vizinhos, professora, era arroz, feijão, Dona Chiquinha, não se pensava muito, se fazia [silêncio]. Hoje eu vejo tanta ONG, tanta igreja, tanto juiz, tem sempre um responsável. Acho que isso tem afastado muito as pessoas. Não sei como teria sido comigo se fosse hoje.”

Ou seja, na percepção do entrevistado, a relação direta entre as pessoas passou a ser mediada pelas igrejas, pelo Estado, pelas ONGs. Como se a antiga solidariedade, fruto da necessidade de sobrevivência, fosse deslocada para essas instituições e transformada em catequização, patologização ou assistencialismo, estigmatizando e determinando lugares nas relações. Essas instituições passam a cuidar do carente, do drogado, do morador, como se a autonomia, a ética, os modos próprios de convivência cedessem a esse modo de relação.

Retomando a questão original: as novas atividades da região – turismo, gastronomia, aventura, lazer – alteram o eixo econômico. Por um lado, os novos atores, por sua capacidade econômica e influência junto às instâncias públicas e aos meios de comunicação, passam a determinar a vida dos demais oito mil e tantos moradores históricos e permanentes. Por outro lado, o novo eixo altera as relações entre pessoas. Reduz a solidariedade e, em consequência, a capacidade de atuação coletiva. Soma-se a isso a alteração da composição da comunidade. Os emigrados para o local não têm ligação com o meio físico e a cultura prévia, de caça, agricultura de subsistência e artesanato utilitário. Em suma, reforça-se a presença da “cidade visível”, reduz-se a da “cidade invisível”.

Nesse contexto, qual o efeito da entrada das antigas histórias em circulação, da sua devolução ao contexto de hoje, do resgate dos seus valores? Qual a possibilidade de se imaginar outros modos de convivência? Que novas tensões entre o visível e o invisível poderiam criar novos modos de existência, mais potentes e inventivos?

Essas questões colocam em foco o trabalho do Historiador Oral. Não se trata de apenas coletar as histórias, mas de trabalhar com elas e reparti-las com o coletivo em que estamos inseridos; de tomar a possibilidade de repartir histórias como uma prática política, em que as palavras tornam-se passagens de novos sentidos que marcam territórios de

existência. E é por onde continuamos nosso trabalho. Cada vez mais alucinados. Essa é a aposta.

Referências

- AGUALUSA, Eduardo. *O vendedor de Passados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BOSI, Ecléa. *A substância social da memória*. Em: O tempo vivo da memória - ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê, 2003.
- COUTINHO, Eduardo. *O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade*. Projeto História, vol. 15. Ética e História Oral, 1997.
- COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GORDIMER, Nadine. *De volta à vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- LOURAU, René. *O Instituinte contra o instituído*. Em: Altoé, Sônia (org) - René Lourau: analista institucional em tempo integral. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- MIANO, Léonora. *Contornos do dia que vem vindo*. Rio de Janeiro. Pallas, 2007.
- ONDJAKI. *Quantas madrugadas tem a noite*. Alfragide, Portugal: Caminho, 2004.
- PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. Projeto História vol. 15. Ética e História, 1997.
- RODRIGUES, Heliana Conde. *Alucinando Portelli – celebração do amor entre um historiador (oral) e seu leitor*. Mnemosine, vol.1, nº1, 2005.
- ROLNIK, Sueli. *À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia*. Em: Maria Cristina Rios Magalhães (org) - Na Sombra da Cidade. São Paulo: Escuta, 1995.

Angela Maria Carneiro Silva, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social - UERJ
E-mail: angela.carneiro@gmail.com